

# Charlie e a grande inundação

———— C. SEAN MCGEE ————

intransitiva  
• revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

# Charlie e a grande inundação

C. Sean McGee

Era uma vez uma pequenina gota de chuva, que vivia em uma pequenina casa em uma pequenina cidade, dentro de uma pequenina nuvem; uma que flutuava relativamente alto no claro céu azul. Charlie era o seu nome e ele era a gota de chuva mais feliz naquela nuvem, quiçá até mesmo em todo aquele céu.

“Charlie, querido, é hora de acordar!”

Aquela era a coisa favorita de Charlie em todo o mundo – acordar. E ir para a escola – é claro. O quão fantástico era, portanto, que ele pudesse fazer ambos todos os dias!

“Viva! Um novo dia” gritou Charlie. “Uhuuu! Estar vivo é incrível”.

Era como se, enquanto ele dormia todas as noites, alguém entrasse em seu quarto com um canudo e soprasse uma enorme bolha de alegria dentro dele, porque todas as manhãs, quando acordava, ele saltava ao redor de seu quarto, quase como se fosse um grande e velho balão. Acordar era fantástico, realmente era. Não havia sentimento melhor, exceto claro, ir para a escola!

Veja bem, na escola, Charlie podia encontrar seus melhores amigos. Todos eram gotas de chuva, assim como ele. Alguns deles eram grandes gotas de chuva e alguns eram pequenas gotas de chuva, porém como Charlie, todos eram feitos de água, e era aquilo que importava. Ele tinha tantos amigos também – o suficiente para encher centenas de piscinas. Ele os amava e eles o amavam.

“Hoje é o grande dia, Charlie”, disse a Mãe. “Está animado?”

Charlie quase havia se esquecido. Hoje era o grande dia. Ele havia pensado que era apenas um dia normal.

“Sua mãe está certa, você sabe”, disse o Pai. “É um grande dia hoje”.

Aquilo o fez parecer tão assustador, como se não houvesse maneira alguma de ser divertido.

“Eu já te contei sobre o seu tio?”

Charlie sentou-se e prestou atenção ao pai, exatamente como ele sempre fazia toda vez que escutava aquela história. “O orgulho da família”, seu pai o chamava. Uma história que ele contava centenas de vezes ao dia, todos os dias da semana. Era uma história que Charlie nunca se cansava de ouvir, assim como seu Pai nunca se cansava de contá-la.

“Ele era mais ou menos da sua idade, ele era: Tio Cliff. Ele era o orgulho nos olhos de meu pai também. De todos, realmente. O orgulho de nossa família, ele era. E ainda é”.

Sua Mãe repousou a mão no ombro de seu Pai e secou uma lágrima, e não era de tristeza.

“A gota de chuva mais corajosa da nuvem”, disse o Pai. “Você sabe do que ele era feito?”

Claro que ele sabia; da mesma coisa que era feito, todas as outras vezes que ele contava aquela história.

“Do quê, Pai?” questionou Charlie, pretendendo não fazer ideia.

“Coragem”, disse o Pai. “Ele era feito de coragem”.

“Coragem”, repetiu Charlie, com admiração, como se estivesse escutando aquilo pela primeira vez. “Uau”.

“Isso mesmo. Seu tio não choveu em qualquer lago ou poça d’água velha, não como qualquer outra gota de chuva. Não senhor”.

“O que ele fez pai?” questionou, já na borda de sua cadeira. “O que ele fez?”

“O seu tio Cliff apagou o grande incêndio”, disse o Pai.

“Uau”.

“Isso mesmo. Ele não esperou. Ele não hesitou. Ele não estava nem um pouco assustado. Ele simplesmente pulou dessa pequena nuvem e caiu exatamente no topo daquele inferno borbulhante. E você sabe o que ele fez?”

“O que pai?”

“Ele salvou o dia. Seu tio, Cliff. O orgulho da nossa família”.

Charlie irradiava alegria. Ele amava escutar aquela história.

“Um dia nós estaremos contando uma história sobre você”, disse a Mãe.

Ela beijou-o na bochecha e entregou seu lanche já embalado.

“Você acha?” indagou Charlie. “Você acha que eu poderia ser o orgulho da família também?”

“Eu sei disso”, disse a Mãe.

Desde que nasceu, Charlie sabia que um dia chegaria o momento em que teria que deixar sua pequenina casa, deixar sua pequenina cidade, e por mais louco que pudesse parecer, deixar também a pequenina nuvem. Sim, isso mesmo! Eles esperavam que ele pulasse da nuvem!

Louco, não é mesmo?

Mas aquilo era apenas o que as gotas de chuva faziam. Era o que elas nasceram para fazer. Quando era chegado o momento, elas pulavam da sua nuvem com zilhões de outras gotas de chuva, em direção à Terra.

“Seja quem você está destinado a ser”.

Aquele era o lema. Era o que todos diziam – sua professora, sua mãe, seu pai; todos.

Você pode ser alívio para um fazendeiro, talvez; um fazendeiro cujas plantações e gado estejam ressecados, sedentos e colocados à prova por uma longa e terrível seca; ou você pode ser um deleite para uma floresta, cujas copas das árvores chegam tão alto quanto as nuvens, enchendo córregos e rios que a serpenteiam, trazendo sustento para todas as grandes e pequenas criaturas que vivem por ali; ou você pode ser alegria para uma pequenina criança em um parque, brincando em uma grande e velha poça de lama. Você pode ser qualquer coisa.

“Seja quem você está destinado a ser”.

Isso é tudo o que todos sempre disseram.

“Seja quem você sempre esteve destinado a ser. Seja quem você está destinado a ser”.

Mas o problema era exatamente esse, pois veja bem; o pobre Charlie não sabia quem ele queria ser.

“E se eu não souber o que eu quero ser?” ele perguntou.

“Você saberá”, disse a Pai, de modo críptico.

“Você irá descobrir”, disse a Mãe, como se aquilo tornasse tudo melhor.

“E se eu não for alívio?” disse Charlie. “E se eu não for deleite?”

O pobre menino estava sobrecarregado com preocupações.

“E se eu não for Alegria?”

Aquele pensamento era absurdo. Aquilo era tudo o que lhe havia sido ensinado a ser. Era tudo o que ele poderia ser. No entanto, lá estava ele, pensando em si mesmo no futuro e imaginando um cenário muito pior.

“E se eu for uma inundação?” ele disse.

O pensamento por si só já era aterrorizante. Seu Pai, contudo, apenas sorriu.

“Você ficará bem, filho. Só permaneça na sua fila, fique junto com seus amigos e tudo sairá bem. Você vai ver. Não há motivo algum para se preocupar”.

Ele fez tudo soar tão fácil.

“É melhor irmos”, disse a Mãe. “Hoje é o grande dia e não queremos nos atrasar”.

E era mesmo. Hoje era o dia em que Charlie iria pular da nuvem. Hoje era o dia em que ele iria descobrir a quem estava destinado a ser. Deveria ser o dia mais feliz na vida dele, também. Deveria, mas não era.

“Eu queria que fosse ontem”, disse Charlie. “Eu realmente queria”.

Veja bem, Charlie não queria crescer. Ele não queria mudar. Tudo já estava perfeito daquele modo. A escola era divertida. Jogar pega-pega no pátio da escola era tão bom. Por que ele não podia ser uma criança para sempre?

“Bem?” disse Mãe, com toda sua sabedoria. “Mesmo que fosse ontem, ainda assim continuaria a ser hoje”.

Charlie não entendeu muito bem o que ela quis dizer, porém o ajudou a parar de se preocupar.

“Olhe”, ela disse. “Lá estão todos os seus amigos”.

Ali, à beira da nuvem, se encontravam zilhões de gotas de chuva, todas elas pulando de um lado pro outro, tentando espreitar por cima da borda; seu professor – o Sr. Gota – balançava os braços intensamente, tentando colocar todos em uma única fila.

“Charlie, venha conosco”, disse um grupo.

“Charlie, venha conosco”, disse outro.

Cada grupo formou uma fila ao longo da borda da nuvem, cada um com um lugar e propósito diferente. Alguns deles iriam levar chuva para

fazendeiros, aqueles cujo gado e plantações haviam sido ressecados por uma seca prolongada, enquanto outros iriam encher lagos e riachos, e saciariam a sede da mais bonita das flores e da mais alta das árvores. Alguns até fariam grandes poças, do tipo em que as crianças adoravam brincar, para que pudessem ficar todas enlameadas e se divertirem.

“Charlie, venha conosco”, todos gritavam.

Todos eles estavam tão felizes, tão seguros de quem eles iriam ser.

“Eu não estou preparado”, disse Charlie.

“Ninguém nunca está preparado”, disse a Mãe. “Não importa o quanto planeje. Quando é chegada a hora, mesmo o mais corajoso – mesmo o mais preparado – deseja ter apenas mais um minuto”.

“Mas e se eu não for como o Tio Cliff?”

Ele olhava para o seu Pai enquanto dizia. Tio Cliff era o orgulho da família. Ele era o orgulho de toda a cidade. Tudo que Charlie sempre quis, foi deixar seu pai orgulhoso.

“E se eu não trazer alívio? E se eu não trazer leite? E se eu não trazer alegria? E se eu chover no desfile de alguém? E se eu não deixá-los orgulhosos?”

“Você se preocupa demais. Você se sairá bem”, disse Mãe. “Seu Pai ama você. Ele só quer ver você feliz. Nós dois queremos. É apenas uma escolha”.

“E se eu cometer um erro?” questionou Charlie, soando mais que incerto; soando totalmente assustado. “E se eu escolher errado? E se eu não souber quem eu quero ser?”

Mãe sorriu e beijou-o na bochecha.

“Você é quem você é”, ela disse. “E esse é quem você será para sempre”.

Novamente, Charlie não fazia ideia do que ela queria dizer, porém de novo o ajudou a parar de se preocupar.

“Eu te amo, querido”, ela gritou, enquanto ele seguia para se juntar com seus amigos.

Charlie não ousou olhar para trás, pois sabia que se olhasse, ele iria apenas chorar e desejar ir para casa. Ao invés disso, ele pretendeu ser tão bravo e corajoso quanto Tio Cliff.

“Eu queria que fosse ontem”, ele disse para si mesmo.

“Dez segundos”, gritou o Sr. Gota.

Ele havia passado a vida inteira preparando-os para este momento, o Sr. Gota; moldando-os nas gotas de chuva que eles eram, e nas gotas de chuva que logo se tornariam. Se ele estava orgulhoso, fez um grande trabalho escondendo esse sentimento. Seu rosto tinha o formato de uma pistola de largada e a sua voz, enquanto gritava a cada fila para se preparar e se posicionar, soava como o apito de um árbitro.

“Cinco segundos”, ele gritou.

Charlie espreitou-se sobre a borda da nuvem. Abaixo dele, era possível ver centenas de outras nuvens, e nas bordas dessas nuvens, gotas de chuva como ele, todas alinhadas e não apenas prontas, mas ansiando pular – todas elas tão completamente seguras de quem eram e de quem queriam ser.

Todavia, tudo que Charlie queria era mais um minuto.

“Um segundo!”

Era tão distante dali. Tão, tão distante.

“Deixe-me orgulhoso”, gritou Pai.

E foi isso que assustou Charlie e o fez tropeçar e cair da nuvem. Ele nem sequer estava na fila. Sr. Gota nem sequer havia gritado ‘Pulem’. E no momento que ele o fez, Charlie já estava caindo – solitário.

“Eu queria que fosse ontem”, berrou Charlie, enquanto ele caía do céu.

Era uma longa descida. De fato, era tão longa que, antes mesmo de chegar à metade do caminho, Charlie parou de gritar e de berrar e, em vez disso, voltou à sua preocupação silenciosa e pensativa.

“Não seja uma inundação”, ele pensou. “Não seja uma inundação. Não seja uma inundação”.

Ao redor dele, centenas de milhões de gotas de chuva – zilhões talvez – estavam chovendo do céu, todas elas amontoadas em seus respectivos grupos; Charlie, a única que estava solitária.

Um grupo cantarolava uma música enquanto chovia. Eles pareciam e soavam tão celebrativos.

“O que você vai ser?” gritou Charlie.

“Alegria” gritou uma das gotas de chuva em resposta.

Aquilo por si só tornou todas as gotas de chuva mais felizes.

“E você?”, perguntou a gota de chuva para Charlie.

Charlie não sabia. Tudo que ele desejava era não ser uma inundação.

A maioria dos grupos eram muito semelhantes, cantarolando canções em tom de celebração e repletos de alegria. A maioria, não todos. Havia alguns grupos encenqueiros. Grupos que eram formados por gotas de chuva raiosas e rebeldes; gotas de chuva que não gostavam nem de alívio, nem de deleite, nem de alegria – gotas de chuva que, ao invés disso, se propunham a fazer exatamente o contrário.

“Ei moleque”, gritou uma dessas gotas de chuva. “Nós vamos chover em um casamento”, disse uma gota de chuva. “Vamos arruinar o dia deles. Vai ser maneiro. Quer vir?”

“Não, obrigada”, gritou Charlie, educadamente.

“Quem perde é você”, disse a gota de chuva rebelde.

Charlie apenas ficou aliviado por eles não o terem batido.

“Eu queria que fosse ontem”, ele repetiu.

Charlie podia ver o chão agora. Ainda estava muito distante, mas pela primeira vez ele podia ver a fazenda, a floresta e o parque. Ficavam tão próximos um do outro e, ainda assim, ele sentia-se tão distante de todos deles.

“Charlie!”

À sua direita, Charlie conseguia ver todos seus amigos amontoados, juntos.

“Venha conosco”, eles gritaram.

“Eu não posso”, disse Charlie, em resposta.

Ele também não conseguia. Ele estava muito distante e por que ele era apenas uma gota de chuva solitária, o vento o estava distanciando de seus amigos; cada vez mais distante, da fazenda, da floresta ou do parque. Levava-o em direção ao rio, um lugar onde nenhuma gota de chuva gostaria de ir.

“Você não pode ir para o rio”, gritaram seus amigos.

“Eu sei”, gritou Charlie, em resposta. “Mas é para onde o vento está me levando; não há nada que eu possa fazer. Eu queria que fosse ontem”, ele gritou. “Eu queria estar com vocês”.

O vento já o havia levado – estava tão distante. Não havia possibilidade de ele conseguir retornar para eles. Não havia nada que pudesse fazer.

“Nós te amamos, Charlie”, gritaram seus amigos.

Entretanto, Charlie não podia ouvi-los. Ele estava caindo mais rápido agora. E abaixo dele, em vez de uma fazenda, uma floresta ou um parque infantil, havia um rio em fúria, que soava tão ruidoso e feroz e desastroso quanto parecia – apenas uma torrente de destruição incontrolável. Consternado pelo barulho e com medo de olhar para baixo, o pobre Charlie fechou os olhos.

“Eu sinto muito, Pai”, ele disse. “Eu sinto muito, Mãe. Eu queria ter sido melhor. Eu queria ter sido como o Tio Cliff. Eu realmente queria que fosse ontem”.

E, em seguida, ele se chocou contra o rio.

A torrente se enfureceu. Ela rodopiou e redemoinhou, girando Charlie em círculos, em piruetas e cambalhotas, cuspidando-o no ar mil vezes, apenas para sugá-lo de volta em seguida. Ele estava atordoado, delirante e desesperado para escapar. Mas não havia escapatória. Naquele momento, ele era o rio, tanto quanto ele era si mesmo.

“Olá”, disse uma gota de chuva.

O nome dela era Stacey.

“Eu sou a Stacey”, ela disse.

Ela estava tão serena, considerando o quanto as coisas estavam complicadas.

“Qual é o seu nome?” ela disse.

“Eu sou o Charlie”, disse Charlie.

Ele, contudo, não estava.

“Isso não é muito divertido?” disse Stacey.

Essa era uma daquelas perguntas, todavia, que não era uma pergunta.

“Eu queria que fosse ontem”, gritou Charlie.

“Você não está se divertindo?” ela indagou. “Você não gosta de corredeiras?”

Era uma pergunta justa. Charlie era uma gota de chuva, e nada deixava gotas de chuva mais felizes do que pular, saltar e rodopiar. Era a coisa mais divertida no mundo para se fazer. E toda gota de chuva amava se divertir. Céus, isso era tudo que Charlie fazia na escola todos os dias, e era tudo o que

ele fazia quando chegava em casa e brincava sozinho – pulando e saltando e rodopiando.

E ainda assim, aqui estava ele, em um rio furioso com um bilhão de zilhões de gotas de chuva, todas elas fazendo a única coisa que ele amava mais do que qualquer outra coisa – pular, saltar e rodopiar – e o pobre e velho Charlie estava taciturno.

“Eu estou preocupado”, ele disse.

Assim ele soava também.

“Preocupado? Sobre o quê?”

“Sobre o que nós nos tornaremos”, disse Charlie.

Stacey sorriu.

“Você é engraçado”, ela disse. “Eu gosto de você”.

O rosto de Charlie, no entanto, tinha o formato de um ponto de interrogação.

“Oh, você está falando sério?” disse Stacey. “Eu pensei que estivesse brincando”.

Ela parecia mesmo um pouco confusa.

“É tudo no que consigo pensar”, disse Charlie.

“Então, apenas pense alguma outra coisa”, disse Stacey. “Ou melhor ainda, não pense em nada!”

E em seguida, ela fez uma série de cambalhotas.

“Você não está preocupada?” questionou Charlie.

Stacey segurou as mãos de Charlie e o girou tão rápido quanto possível. E eles rodaram e rodaram e rodaram cada vez mais rápido. Logo eles estavam girando tão rápido que tudo se transformou em um borrão. Eles não conseguiam ver nada. Eles não conseguiam escutar nada. E quando os dois estavam rápidos o suficiente, eles não conseguiam nem pensar.

“Isso é magnífico”, gritou Charlie.

Por um segundo, era como se ele houvesse retornado para a nuvem, brincando com seus melhores amigos. Ele sentiu-se como uma criança novamente – alegre, espirituoso, e livre. A única coisa que importava era o agora, e agora ele estava tendo a maior diversão que ele já teve em toda sua vida.

“Eu te amo, Charlie”, gritou Stacey, soltando suas mãos.

Charlie continuou rodando e rodando e rodando, sorrindo o tempo inteiro. Ele nem sequer notou o rio se dividindo em dois. Ele nem sequer notou Stacey flutuando para um lado e ele para o outro.

“Eu te amo, Stacey”, ele gritou, entendendo-se para segurar as mãos delas.

“Quem é Stacey?”

Não eram as mãos de Stacey que ele estava segurando.

“Quem é você?” disse Charlie.

“Eu sou o Jeff”, disse Jeff.

“Jeff? Onde está Stacey?”

“Quem é Stacey?”

“Ela é uma gota de chuva. Ela é a minha melhor amiga”.

“Sério? Eu sou uma gota de chuva. Nós deveríamos ser melhores amigos também”.

Ele estava certo. Não havia motivo para eles não serem. Afinal, ambos eram gotas de chuva, e ambos amavam pular e saltar e rodopiar mais do que qualquer coisa.

“Melhores amigos para sempre!” gritou Jeff.

“Melhores amigos para sempre!” gritou Charlie, em resposta.

Logo não eram apenas Charlie e Jeff, havia pelo menos meio zilhão de gotas de chuva de mãos dadas, todos pulando e saltando e rodopiando. E todos eles estavam gritando ao mesmo tempo.

“Melhores amigos para sempre!”

Eles estavam se divertindo tanto, que Charlie havia esquecido completamente de se preocupar, o que era algo que ele sempre fazia. Era importante se preocupar. Significava que se importava com o futuro, porque estava pensando sobre todas as coisas que poderiam dar errado. E aqui estava ele, no meio de um furioso rio, um que poderia facilmente tornar-se uma inundação, e ele não estava nem um pouco preocupado.

“Estou tendo o momento da minha vida”, ele gritou.

Os zilhões de outras gotas de chuva todas concordaram. E o mesmo aconteceu com os outros zilhões que se juntaram a eles ao redor da curva do rio. Havia tantas gotas de chuva agora que o rio estava cheio, tanto que transbordou sobre as margens, sobre a terra que o rodeava.

“Ah não”, pensou Charlie. “Eu sou uma inundação. Eu vou trazer ruína e sofrimento ao mundo. Eu vou trazer vergonha para minha mãe e meu pai”.

Charlie começou a chorar. Entretanto, quanto mais ele chorava, mais cheio o rio de tornava. E quanto mais cheio o rio, mais a pequenina gota de chuva chorava.

“Eu quero ir para casa”, ele gritava. “Eu queria que fosse ontem”.

Dessa vez, o rio não se derrubou apenas sobre as margens; ele inundou toda a terra. Empurrados pela borda, Jeff e as outras gotas de chuva gritaram de alegria: “Nós te amamos, Charlie”.

A pobre e pequenina gota de chuva não escutou, contudo. O rio se enfureceu e rugiu tão alto que até seus próprios gritos não puderam ser mais ouvidos. Charlie transbordou, empurrado por uma correnteza grandiosa, sobre a terra, quase arrancando cada árvore, chicoteando o solo como grãos de areia em um vento ciclônico.

Cheio de vergonha e culpa, Charlie segurou a respiração a cada segundo do caminho. Ele fechou seus olhos também, não querendo presenciar qual tipo de terror e devastação que esperavam por ele. Quando ele finalmente os abriu, não era miséria que o esperava. Não eram morte e destruição inimagináveis. Não eram caos, devastação e ruína. Não. Era alegria.

Eram alegria, deleite e alívio.

“Papai”, chamou uma pequenina menina, juntando suas mãos para enchê-las com água suficiente para molhar seu pai. “É um milagre”.



Tinha sido um ano particularmente seco e nem a menina nem seu pai haviam pensado que haveria chuva suficiente nesta estação para encher o rio o suficiente para que uma inundação pudesse chegar a sua pequena fazenda e saciar a sede de suas plantações queimadas pelo sol. Ambos estavam tão preocupados, que nem a menina nem seu pai haviam visto um ao outro sorrir durante esse período. Tamanho foi o feitiço da miséria que a seca havia trazido que até mesmo suas lágrimas estavam secas. Ou assim seria se não fosse pelas lágrimas que escorriam pela face da pequenina menina – e pela de seu pai também – que eram tanto lágrimas de felicidade, quanto eram de alívio.

“Você está certa, minha filha”, disse seu pai. “Os deuses nos abençoaram com chuvas generosas e uma inundação abundante. Que deleite poder ver tanta água. O suficiente para todas as nossas plantações. O suficiente para as plantações de todos. De fato, é um milagre. Os deuses estão sorrindo. Os deuses são bondosos”.

E então, a pequenina menina segurou uma única gota de chuva em suas mãos: Charlie. Ela mirou-o como se ele fosse o mais grandioso presente em todo o mundo. E ele mirou-a de maneira muito semelhante. A pequenina menina sorriu para ele, e Charlie sorriu em resposta. Toda a sua vida, ele havia passado se preocupando sobre quem ele iria se tornar, e agora, ao fim de sua jornada, tudo estava tão evidentemente claro.

“Eu fui eu o tempo todo”.

## Sobre o autor

Escritor existencialista. 23 livros publicados. Professor existencialista de inglês no Brasil (Araraquara), Irlandês e Australiano. Ex-músico na Austrália (*Hypercenter*).